

LUZ E SOMBRA

ANTOLOGIA DE POEMAS, CONTOS E
CRÔNICAS - VOL. IV

CLUBE DE LEITURA DA CASA AMARELA



MAURO TAMBEIRO

ADELAIDE COUTINHO - ANA PAULA MACIEL VILELA -
ANABELLE LOIVOS - ANDRESSA BARROSO - ANGELA QUINTIERI -
CELINA ROZENBLUM LEFELMAN - CRISTIANO MOTA MENDES -
DELMA MARCELO - ELIANA MIRANZI - ELISA PEREIRA - EVELYN
KLIGERMAN - FERNANDO QUEIROZ - FLORA TROPER - JANIR
LAGE - JIDDUKS - LENILSON FERREIRA - MARIANÍ GUIMARÃES -
MARÍLIA AMARAL - ROSEANA MURRAY

APRESENTAÇÃO

O Clube de Leitura da Casa Amarela, que se reúne desde 2010, que ficou online na pandemia, se abre para a escrita.

Assim, reunimos poemas, minicontos e crônicas sob a temática "Luz e Sombra".

Para a capa escolhemos a belíssima pintura do Mauro Tambeiro, artista visual criador de pinturas figurativas expressionistas.

E apresento com gosto, honra e alegria, a nossa produção escrita neste e-book, com o nosso leitor Jiddu.K.Saldanha na feitura e projeto gráfico.

Roseana Murray

Saquarema

Outono de 2023

ÍNDICE

ADELAIDE COUTINHO	<u>LUZ E SOMBRA - 3</u>
ANA PAULA MACIEL VILELA	<u>NA PENUMBRA - 4</u>
ANABELLE LOIVOS CONSIDERA	<u>LUZ, SOMBRA, LUZ - 6</u>
ANDRESSA BARROSO	<u>SILHUETAS - 10</u>
ANGELA QUINTIERI	<u>DE REPENTE, ELA PODE SER UM CAMINHO- 12</u>
CELINA ROZENBLUM LEFELMAN	<u>LUZ E SOMBRA - CONEXÕES - 16</u>
CRISTIANO MOTA MENDES	<u>SOMBRA OU LUZ? - 18</u>
DELMA MARCELO	<u>COLECIONADOR DE TEMPO - 19</u>
ELIANA MIRANZI	<u>NÓS, MINEIROS - 21</u>
ELISA PEREIRA	<u>LUZ E SOMBRAS, REFLEXÕES - 23</u>
EVELYN KLIGERMAN	<u>LUZ E SOMBRAS - 25</u>
FERNANDO QUEIROZ	<u>O DESPERTAR DO APEDEUTA - 27</u>
FLORA TROPER	<u>LUZ E SOMBRA - 29</u>
HELOISA DE SOUZA	<u>PELA SOMBRA - 31</u>
JANIR LAGE DA SILVA	<u>FAKE - 33</u>
JIDDU SALDANHA	<u>MELODRAMA - 35</u>
LENILSON FERREIRA	<u>DOR OU - UM CONTO DE SOMBRA E LUZ - 36</u>
MARIANÍ GUIMARÃES	<u>EU E VOCÊ - 38</u>
MARÍLIA AMARAL	<u>SEM MEMÓRIA- 40</u>
ROSEANA MURRAY	<u>BERTHA BOUTIQUE- 42</u>

Luz e sombras



Imagem: Divulgação

Nem sempre sou luz, nem sempre sou sombra. Sombra para absorver e recarregar a luz que brota, acende e ascende.

Luz e sombra, dois opostos que se completam, se projetam, se fundem e se separam.

Sombra é frescor, é brisa, é alimento, mas é turbilhão, também.

Luz é brilho, é calor, é faísca que em excesso cega, ofusca e esconde imperfeições que, só na sombra se consegue enxergar.

Vivo, habito e me completo nesses dois polos, em igual, procurando o equilíbrio...nem tanta sombra, nem tanta luz.

Na penumbra



Imagem: Divulgação

É manhã de domingo em uma cidade que pouco conheço, avisto da janela do quarto, a praça. Um hábito muito agradável é conhecer as praças em cidades que visito. Saio para a manhã luminosa e ainda fresca.

Grande e arborizada com canteiros de flores e folhagens, em seu chafariz, algumas rãs distraem crianças e idosos e, no coreto, um grupo de jovens ensaiam uma peça. Há muito não me deparo com uma praça tão bem cuidada!

Faço o contorno e me aproximo de uma escola onde vislumbro a árvore frondosa e carregada de flores amarelas, uma espécie pingo de ouro que me faz lembrar da infância e da casa dos avós maternos. Em meio às minhas memórias, ouço as galinhas d'Angola e as vejo em um gramado no canto direito do pátio. São muitas e, uma vez mais, viajo no tempo, estou no sítio e contemplo a alegria do meu pai com suas galinhas d'Angola e seu canto característico que, juntas, o recebem na porteira quando buzina. Tempo em que o corpo e a mente permitem seu ir e vir.

Uma sensação pesada me atravessa em tempos esses que não permitem que haja mais passeios no sítio, caminhadas com as barras das calças dobradas para não sujam, regas em suas inúmeras plantas, verter água na bacia para no final do dia se regozijar admirando os pássaros se banharem. Sanhaços, bem-te-vis, pássaros pretos, joões-de-barro, sabiás, anus, araras...

Não há música na vitrola, cochilos na rede, poda nas plantas, procura por ovos no pasto, a conversa com uma ou outra vaca na cerca que margeia a casa, cesto com limões, bananas e laranjas para levar para a cidade. Não há mais o suspiro e admiração ao contemplar o pôr-do-sol e, na varanda receber a noite com os besouros voando e se chocando na lâmpada do poste que clareia o gramado e a frente da casinha.

A luminosidade daqueles dias deu lugar a um céu nublado, às vezes escuro, mas que, como toda natureza, se transforma, se reinventa e segue seu curso.

Hoje, assentado na sacada do apartamento, meu pai observa urubus, gaviões e algumas pombas que habitam os blocos abandonados pela construtora falida e, às vezes, um tucano surge para comer os frutos da embaúba próxima somente para encher seu coração de alegria e, quem sabe, possibilitar a ele esse passeio, um devaneio que o faz sorrir enquanto sente a brisa suave da tarde.

Luz, sombra, luz



Luz

O carrossel era mágico e girava ao som de uma cantiga de realejo. As luzes eram de tom amarelado, quente como o sorriso das crianças que nele habitavam e as têmporas grisalhas de alguns pais e mães que, diligentes, ancoravam suas crias no topo dos cavalos de pau.

Era domingo e o parque estava repleto de gente. Os últimos fios de luz de um sol morno de outubro respingavam nas copas das árvores e atravessavam as minhas retinas ainda não fatigadas, eu, uma menina de vestidinho vermelho de bolinhas brancas, feito pela minha mãe, como presente de aniversário de oito anos.

Estávamos na fila para o gigante e iluminado carrossel de cavaleiros de madeira, eu, minha mãe, meu pai e minha irmã de cinco anos. Esperávamos pacientemente, como espera uma família de classe média nas muitas filas que enfrentaríamos ao longo dos anos. A felicidade custava alguns cruzeiros e se chamava parquinho. Domingo é dia de luz.

Sombra

Na véspera daquele domingo tão iluminado, a minha família tinha feito um périplo por minha causa: médico otorrinolaringologista em Ipanema, para fazer os exames de rotina da garotinha que ficara surda do ouvido direito um ano antes, por conta de uma caxumba.

Tímpano perdido, tive que aprender a ouvir pequenos sons para manter saudável o outro que me sobrara. Lembro-me de ter percebido que algo não estava bem quando tentei atender o telefone cinza de largo disco e números dourados da

casa de minha avó, e só o que ouvi era um zumbido forte, como se mil abelhas estivessem zunindo dentro da minha cavidade auricular. Deixei o fone cair no chão, assustada, e ainda levei bronca da matriarca da família. “Seu avô vai reclamar o diabo, bota logo no gancho!” – como se meu avô, aquela santa criatura que também era quase totalmente surda, pelos anos de trabalho como mecânico no barracão de trens da Leopoldina, pudesse ficar bravo com uma menininha assustada e sem escutar do ouvido direito.

Mas, voltemos ao sábado: de Cantagalo a Niterói – ponto máximo a que meu pai dirigia, e até hoje é assim –, foram 180 quilômetros. Depois, pegamos a barca, atravessamos pro Rio, e na Praça XV, tomamos um ônibus para Ipanema. O salário de funcionários públicos de meu pai, assistente administrativo de museu, e de minha mãe, professora primária, não nos permitiam o luxo de pegar um táxi amarelinho. Saltávamos numa rua tumultuada, cujo nome nunca decorei, subíamos por um elevador medonho, ainda com porta de ferro, e lá estávamos num consultório que parecia ter mais do que os 70 anos do médico que nos esperava, um doutor cujo sobrenome era Rebordão – outro medo.

Daí, o mais do mesmo: testes audiométricos e um exame horrível, em que me deitavam de barriga pra cima e com a cabeça inclinada para baixo, e então introduziam nos meus ouvidos, em períodos alternados, água fria e água quente. Os olhos fechavam, mas, mesmo que eu tentasse abri-los, só via uma sombra. E sentia muita tontura, o quarto branco girava e eu me agarrava à ponta do lençol para tentar me segurar e não cair naquele profundo sem fim, sem chão, sem mão de mãe, de pai ou de irmã, sentados na abafada sala de recepção, certamente enfadados.

O parque, no dia seguinte, seria a compensação pelo périplo chatíssimo, que se tornaria bimestral. Ou, talvez, para tanta vertigem e tanto abandono.

Luz

Escolhi o cavalo mais alto, sob protestos da minha irmã, que também queria aquele. Mas, ora, havia um menor exatamente do meu lado. Cogitou-se, entre pais, aceder à vontade da filha menor e me trocar de cavalo, mas me agarrei forte ao pescoço de imbuia do bicho e não arredei pé. Lágrimas e gritos infantis, solução encontrada: meu pai ficaria comigo e minha mãe encontraria outro cavalo grande, mais adiante, para ficar com a minha irmã, que devia se sentir afrontadíssima. Não era isso o que eu queria. Queria que ambos estivessem ali, perto de nós duas. Na verdade, eu queria que minha mãe tivesse ficado comigo, e meu pai fosse tomar conta da guria, no cavalo mais alto dela lá.

Mas o carrossel iluminadíssimo começou a girar e nós só nos víamos de longe, no vão, dávamos tchauzinhos e trocávamos sorrisos de alguma satisfação. Afinal, estávamos girando, impavidamente montadas em nossos cavalos alados e altíssimos, e indo em

direção alguma, mas indo, indo. Lembro-me de que havia espelhos no teto do carrossel; mas, quando eu tentava virar minha cabeça para cima, sentia um princípio da mesma tontura do tal exame, e desistia da transgressão. Enquanto isso, via minha irmã morrendo de rir, garganta esticada pra cima, olhinhos miúdos pela risada, cabelos ao vento, olhando pro espelho, dando língua pra si mesma. E minha mãe com um sorriso de sol, olhando pra ela. Meu pai, sério, do meu lado. Eu queria sorrir, mas achava que ele esperava de mim que não risse; afinal, já era mais velha, uma mocinha, nem devia estar ali, naquele carrossel iluminado e cantante, deveria ter escolhido um brinquedo mais afim ao meu estado de menina crescidinha ou de surdez, talvez um carrinho bate-bate.

Fomos, apenas eu e meu pai, no carrinho bate-bate. Ele sorriu bastante. E até me deixou dirigir um pouco.

Sombra

A volta para casa se deu na manhã de segunda-feira. Trazíamos no porta-malas do antigo Passat algumas compras feitas na Mesbla, os discos da Alcione e do Roberto Carlos, travesseiro da minha mãe, que não dormia sem o seu próprio, em nenhum lugar, uma mala com nossas roupas e dois potes de doce de jaca que a nossa tia-avó, que nos hospedara, tinha feito para nós e para minha avó paterna, sua irmã. Minha irmã ia no banco da frente, no colo da minha mãe, quando isso ainda não era infração gravíssima de trânsito e confiávamos plenamente no senso de pilotagem do meu pai.

Eu ia sozinha atrás, sempre. Geralmente, fazendo palavras-cruzadas, que meu pai comprava na banca perto da estação das Barcas. Se minha irmã vinha atrás no carro, acabava vomitando tudo, até em mim, quando chegava a serra de Friburgo. Era melhor mesmo que a gente não ficasse juntas, embora eu achasse que podíamos ir conversando pela viagem afora, e talvez ela até se esquecesse dos engulhos. Minha mãe fazia sempre o mesmo ato-placebo: abaixava o vidro e dizia pra ela colocar a mãozinha pra fora, sentindo o vento, que o enjoo passava. Durante muitos anos, mesmo já adulta, minha irmã só viajaria em ônibus que tivesse janela, desprezava os que vinham fechados por conta do ar condicionado. A mão na janela era a mão da mãe que dizia que tudo ia ficar bem.

Minha mãe nunca se sentou no banco de trás comigo. E nunca me disse que tudo ia ficar bem. Nem na surdez, nem na vida.

Luz

Quando nasceu o primeiro neto de meus pais, filho do meu irmão mais novo, que ainda não existia quando se deu a história do carrossel e do médico Rebordão, minha mãe passou a andar na parte de trás do carro, junto à cadeirinha dele. O mesmo sorriso iluminado, quente de carrossel e de sol. E eu aprendi a amar a minha mãe.



Fotomontagem - Bele Loivos

Silhuetas



Foto: Andressa Barroso

Quando a noite encontra o dia
Acende o universo num beijo
dançam exibidas
sombras enamoradas
cantam pássaros para acordar

Claridades em caminhos
bailam no vento
bonanças nas tempestades
luzes criam a dança da vida
redemoinhos de sonhos

Sombras, silhuetas do que será
frestas nas luzes do contorno
no ritmo, no passo

Contrastes dos cúmplices
brincam, cantam, dançam
pares dos ímpares
choram, sussurram, cantam
esperanças dos equilibristas
nascem, morrem, vivem

Agoras de ontem, de hoje
no baile do existir
infinitos de amanhã
refletiam futuros
amores que vão e vem

Viajam pelo tempo
recorrem memórias
lugares, instantes, amores

na sombra da vida,
a menina corre.

De repente, ela pode ser um caminho



A princípio pensei que jamais escreveria qualquer coisa sobre esse tema. Acabei deixando um pouco de lado, e pensei em matar as saudades.

Resolvi ligar para a Julia e para a Alice, minhas sobrinhas de 11 e de 6 anos.

Falar com crianças, desperta em nós, os melhores sentimentos e as melhores ideias.

Falei apenas com a Julia. A Alice estava fazendo outra coisa. Falei com ela sobre o texto LUZ e SOMBRA e da minha dificuldade em escrever.

Pensei que escrever sobre LUZ, fosse bem mais fácil, eu disse para ela, mas juntar as duas, ficou meio complicado.

Pedi então, que ela falasse qualquer coisa sobre o tema LUZ E SOMBRA. Qualquer coisa que viesse a sua cabeça.

Poderia escrever ou desenhar. Ela, então, colocou a mão sob o queixo, ficou pensando e me falou assim:

_ Hum!... não seeeei.

Mas logo em seguida me sai com essa obra prima:

_ A SOMBRA É IMPORTANTE.

DE REPENTE ELA PODE SER UM CAMINHO.

Fiquei espantada e muito agradecida com o pensamento da Julia. Foi uma ideia brilhante.

E no dia seguinte com essa conversa na minha cabeça, me sentei para escrever.

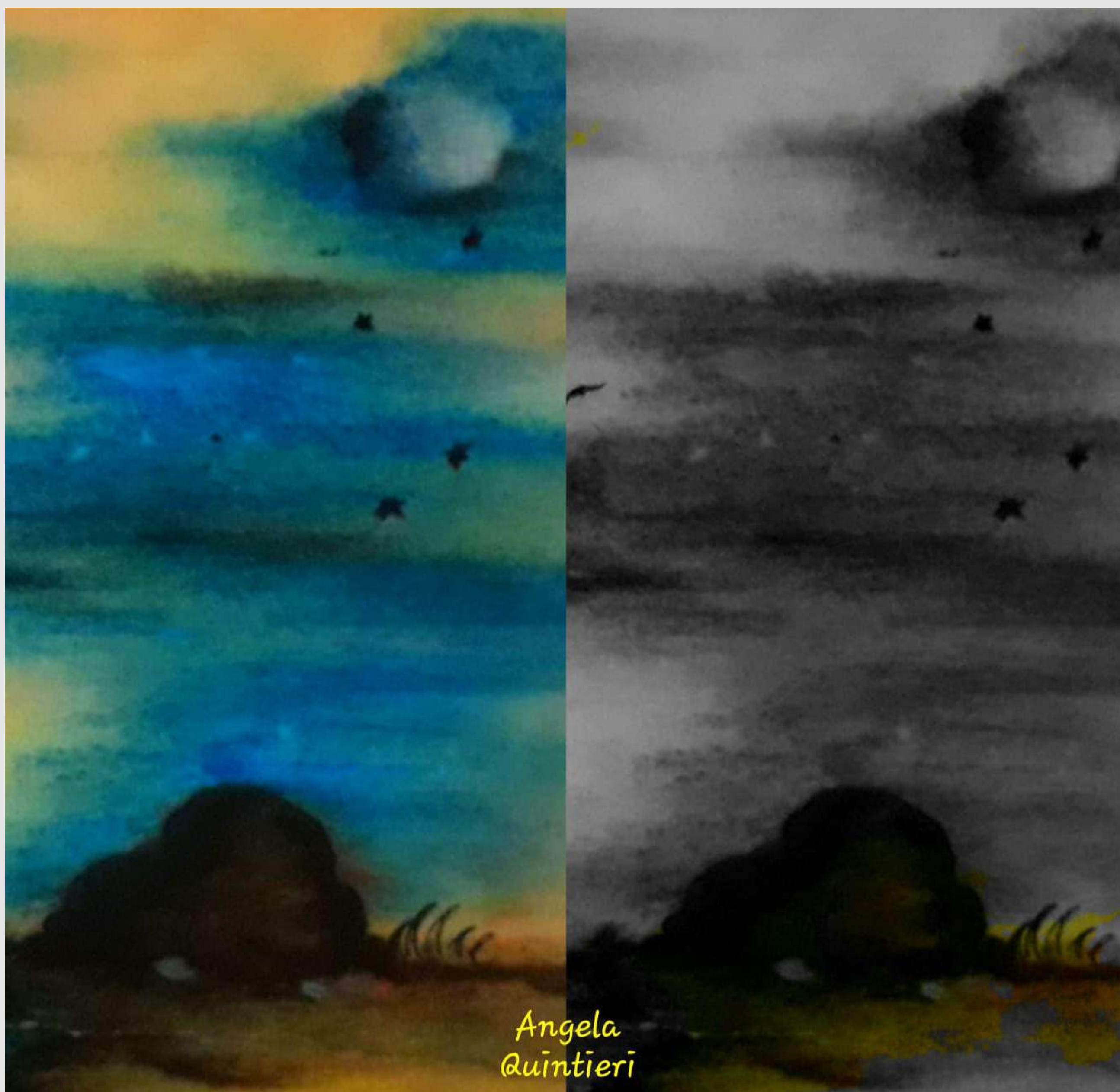
Mas antes, abri a minha janela, para encontrar, quem sabe, mais ideias na Natureza.

Acho romântico e poético o movimento de abrir uma janela e, quando abri fiquei muda de espanto, porque vi bem perto de mim, brilhando muito forte, a primeira palavrinha do tema: A LUZ.

Era o nosso astro rei que sorriu para mim e disse:

_ Oi moça da janela.

Não precisa procurar o que você já encontrou há muito tempo.



Eu sei porque você teve dificuldades em escrever sobre o que você já sabia.
Você sabe? eu perguntei.

_Sim. Você lê e ouve a todo momento que precisamos ser luz o tempo inteiro e, se preocupa muito com isso, porque ninguém, segundo você, consegue ser luz assim.

E na verdade, o seu pensamento não está errado.

Precisamos ser LUZ e levar LUZ a quem precisa, mas ninguém é LUZ o tempo inteiro, ainda. A LUZ, em excesso e mal direcionada, às vezes incomoda.

É justamente por isso que ela precisa se afastar e faz com um gesto de generosidade. Ela descansa cedendo o seu lugar para a sombra. Às vezes, a sombra aparece desenhando o céu. Ela pinta nuvens brincantes e passageiras em forma de muitos flocos de algodão, que acabam encobrindo a LUZ intensa. Outras vezes ela aparece com as copas das árvores. Outras vezes com o cheiro da terra molhada.

E ainda, em outras vezes, nos dá um belíssimo presente: o ENTARDECER.
Quem não gosta de uma sombra, não é?
Quem não aprende com as sombras psíquicas, não é?
A menina Julia, sabiamente, descobriu isso, quando disse que a SOMBRA pode ser um caminho.

Quando o sol terminou de falar, perguntei se eu podia acompanhar a sua caminhada.

Pode sim. Você vai perceber durante o dia, tudo o que eu falei. E quando me retirar para descansar, fique atenta, pois o que você vai ver, lá para o final do dia, será um espetáculo único.

E assim fiquei atenta o dia inteiro. Comecei a acompanhar aquela luz brilhante do sol, que encanta e vi como num filme, a sua luz começar devagarinho mudar de tonalidade.

Para mim, é a tonalidade mais linda e expressiva do sol.

Esse é verdadeiramente o seu mais lindo gesto de generosidade.

Parece uma pintura.

Então, o sol foi se escondendo e começou a se despedir para que o entardecer pudesse chegar. E ele chegou bem discreto e lindo.

O entardecer, para mim, foi sempre muito sonoro.

Fui então acompanhando, e o vi ceder gentilmente o seu lugar à noite tão poderosa e tão cheia de segredos. Ela é a enorme sombra do nosso planeta.

Quando a noite chegou, toda enfeitada de estrelas brilhantes e pela lua tão cantada pelos poetas, eu me perguntei, porque demorei tanto a escrever sobre esse tema.

Meu Deus, ele estava o tempo todo a minha frente.

O sol tem razão.

Sendo assim posso agora falar sobre o que estava na minha cabeça o tempo todo.

Todo ser vivo, ama o sol por sua alegria e, sobretudo, por causa de sua luz tão CURATIVA. A Natureza precisa muito dele, e todos nós, filhos da Natureza, precisamos dessa LUZ. Mas quando a LUZ fica muito intensa, ela incomoda e às vezes machuca.

E é nesse momento, que a sombra ocupa com gratidão o seu lugar, lembrando também que não será por muito tempo.

Não somos LUZ o tempo inteiro, como não somos SOMBRA o tempo inteiro.
As duas moram em nós e notamos suas mudanças sutis, que são nossas, também.

Eu li em algum lugar, que "a LUZ e a SOMBRA, precisam trabalhar juntas para que cada pessoa seja alguém real."

Eu penso assim.

Somos LUZ e SOMBRA, no que escrevemos, pensamos e dizemos.

Somos LUZ e SOMBRA no que vemos ou pensamos ver, no que ouvimos, ou pensamos ouvir.

Somos LUZ e SOMBRA na certeza do que sentimos naquele momento, mas somos LUZ e SOMBRA quando temos a mesma certeza do que não sentimos.

Somos LUZ e SOMBRA quando ousamos sonhar, acreditar, alcançar e admitir.

E, finalmente, somos LUZ e SOMBRA o tempo inteiro, na vida de pessoas que amamos, ou mesmo naquelas que afastamos, ou que se afastam de nós.

Essa dicotomia é na verdade fascinante e nos leva a refletir, que não podemos ser LUZ em excesso, ou SOMBRA em excesso, ou ser apenas uma delas.

A natureza não é assim. É só observarmos.

A luz que sempre tem a cor do sol poente, o calor e a alegria estonteante, precisa da sombra para que o seu brilho não se perca. "A LUZ rompe a escuridão".

A sombra que é um pouquinho diferente, por ser calada, sóbria, reflexiva e às vezes triste, "esconde informações que não são importantes e destaca, o que está sendo valorizado na LUZ". E assim, ela cumpre a sua tarefa.



Penso que a LUZ e a SOMBRA são forças vitais que se complementam. São duas forças parceiras que fazem a vida valer a pena.

Como disse muito bem Francisco Cândido Xavier, Um dia bonito nem sempre é um dia de sol...

Mas com certeza é um dia de Paz.

Simples assim.

Luz e sombra - Conexões



Foto: Victor Lefelman

Na estrada entre Tel Aviv e Jerusalém, observando pela janela do carro esse verde especial que aqui só aparece depois da chuva e o florir da amendoeira com suas flores brancas e perfume suave avisando a chegada da primavera. Momento tranquilo.

De repente na rádio, aparece uma música muito especial pras nossas vidas: “Gracias a la vida”, mas não com Mercedes Sosa, em espanhol ou português, mas em árabe. A surpresa foi grande, mesmo sabendo que há um partido comunista árabe e judeu, mas na situação atual do país foi uma alegria ouvir uma cantora palestina sendo entrevistada na rádio israelita dizendo-se palestina e cidadã de Israel. Como judia e sul-americana, senti alegria no coração, ver o outro não como um inimigo mas sim como um povo como outro povo qualquer, com sua dor e sua cultura universal e bela.

Reconhecer sentimentos em outra língua, próximo à pele. Surpresa e alegria no coração.

Sentir, perceber, presenciar minhas sensações e as sensações do outro talvez seja abrir uma fresta para que a luz comece a passar.

Conexões são frestas de luz que iluminam a vida com suavidade.

Sombra ou Luz?



Imagem: Divulgação

O que já foi sombra, hoje é luz.
Bruxa, bruxo, cientista, alquimista: se queimava na fogueira.
Giordano Bruno, Joana D'Arc.
Galileu escapou porque negou que a terra é redonda.
Hoje tem gente que jura que a terra é plana.
Hoje, dizer para uma pessoa que ela é bruxa, capaz da pessoa entrar em alfa.
"Fulano é muito louco". Irado. Elogios, hoje. Ontem, sombras. Coisas que num passado recente podiam matar, hoje, elevam, consagram.
O que é direito?
O que é o avesso do avesso?
Sombriliuz.
A línguaem não dá conta.
Estamos sempre escorregando entre a sombra e a luz.
Gangorra.
Ah, que estranha e deprimente sensação de que tudo já foi dito, experimentado, vivido.
Mas tudo não passa?
Quem sabe, um dia, alguma coisa nova, para além dos nossos limites; um anjo muito louco escorregue do Orum, doido pra começar um Novo Mundo. Saudoso e infeliz, esse anjo da solidão, nos descubra e nos ensine de novo um fiat lux. Quem sabe?

Colecionador de tempo

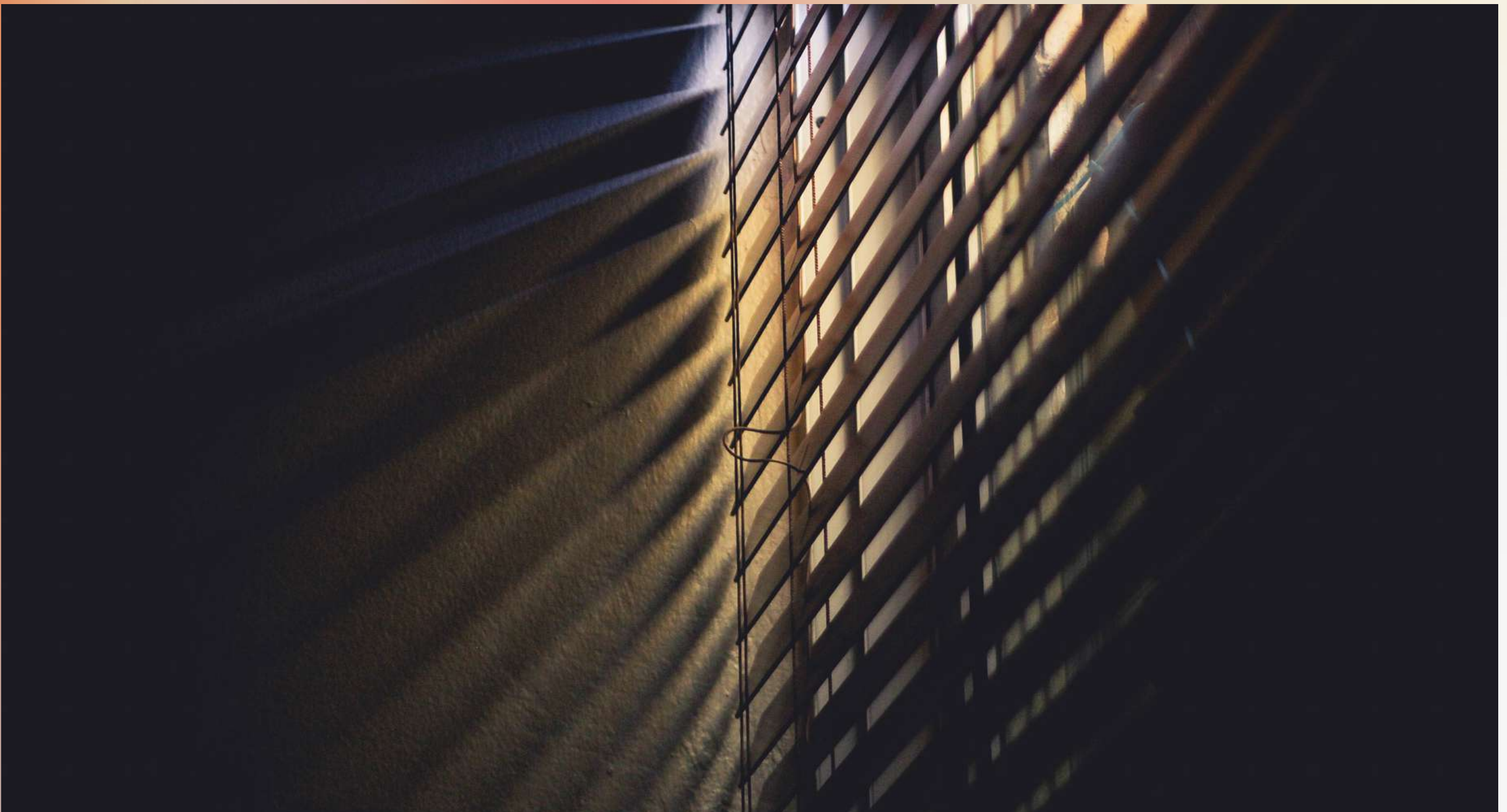


Imagem: Divulgação

O tempo é uma grande ampulheta onde luz e sombra se alternam na eterna colcha de retalhos da vida.

No parapeito do horizonte o Colecionador de Tempo observa atentamente a luz entregar-se à sombra no fim de cada dia ensolarado. Esta, à espreita, aguarda seu momento de imperar no infinito e assim dar vida à noite.

Nesse tempo/momento onde a noite se espalha em sombra muitos acordam de seu repouso e tantos outros vão em busca de seu merecido descanso.

O que parece ser eterno, de repente muda novamente! A noite imponente dá lugar à aurora. É a vez dela se entregar à luz do dia, claro como água de regaço.

A luz recebe de volta o bastão e brilha forte como olhos apaixonados.

Luz e sombra, sombra e luz metade inteira uma da outra. Vida e vida severina que se misturam sem perder sua individualidade.

No pequeno instante do tempo quando se encontram, formam o limiar de uma luz escura ou de uma escuridão iluminada.

O que parece ser sempre igual, revela-nos estilhaços de novidades dentro do movimento ritualístico do ir e vir do tempo.

Como ondas que quebram na praia, luz e sombra se dão as mãos para caminharem sempre juntas sob olhar embevecido do Colecionador de Tempo.

Nós, mineiros



Imagem: Divulgação

Somos assim, nós mineiros...
Luz intensa e sombra longa.
Forjados a ferro e História,
Moldados por arte e beleza.
Filhos de Musas, montanhas.
Banhados por brisas suaves.
Sonhadores, pensadores.
Parimos cultura e liberdade.
Criamos grandes heróis.
Orgulho: um passado brilhante.
Temos nas veias o ouro
E preciosas pedras , tão lindas.
Minerais, metais e cabeças geniais.
Descendemos das Musas, Poiesis.
Somos íntimos dos Santos:
Até mesmo os moldamos.
A nosso gosto e feitio.
Nossa fé é curvelínea...
Os deuses aqui passam férias
Deliciam-se em nossas cozinhas
E aprendem o falar cantado.
Quietos , discretos e sábios
Mineiros possuem segredos.
Mil vezes inventamos
E mil vezes salvamos
O nosso Brasil amado

Luz e sombras reflexões



Elisa Pereira

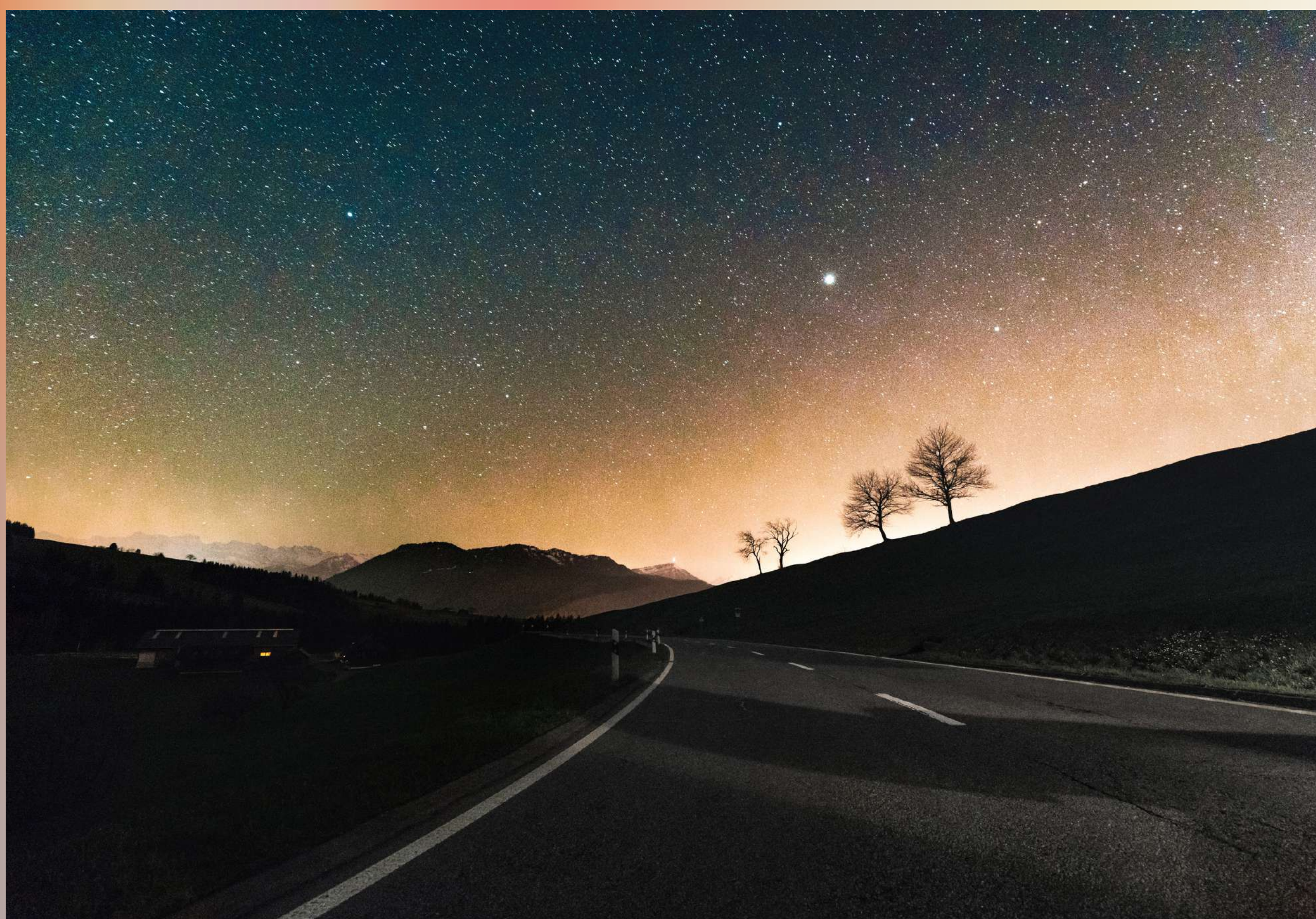


Imagem: Divulgação

Viver é navegar nas contradições, mergulhar nos opostos, equilibrar-se entre polos.

As contradições são faces da mesma moeda. Ora experimentamos um lado, ora outro. Alegria e Tristeza, Luz e Trevas, Prazer e Dor, Nascimento e Morte. Uma face não existe sem a outra. Uma não é melhor e nem pior que a outra. Apenas coexistem e quanto maior nossa aceitação deste fenômeno, menores serão nossos preconceitos. Maior será nossa compreensão do outro, do semelhante, do humano com todas as suas limitações e com todas as suas possibilidades, quase divinas.

Somos, assim, privilegiados por esta dualidade que nos possibilita buscar o equilíbrio, de forma livre e consciente do nosso propósito nesta existência. A luz corre atrás da sombra. A luz ilumina nosso caminho, mas a sombra acolhe nosso cansaço.

Aconchega nosso mergulho interior e nos alimenta para novas caminhadas.

Aprecio este jogo lindo de complementaridade de opostos na busca incessante pelo equilíbrio, pela consciência da nossa unidade com Deus, com a Natureza, com o Universo. Somos Um no turbilhão de sentimentos, emoções e situações de ambiguidade, polos opostos, contradições, escolhas. Poder decupar nossa existência matizando, a cada momento, a liberdade e o colorido de fazer escolhas na luz ou na sombra, na busca da tão almejada felicidade é um rico desafio. Que possamos fazer deste desafio nosso caminho do servir, onde acredito ela se encontre.

Luz e sombras



Foto: Luis Mérito

Lembranças são como roupas esgarçadas.
Pequenas alegrias são feixes de luz.
Descer as escadas (recreio!!!) aos pulos e gritos era uma delas.
Tinham dito que eles viriam.
O último degrau nos colocou diante de uma roda. Rostos pintados, sua quase nudez.
Os gritos se calaram. Silêncio. Vergonha imensa.
Eram e não eram pessoas?
Queria tocá-los, fugir dali, afastar meu jovem olhar.
Um encontro escolar, nada mais.
Dois olhares se cruzam.
Eu, com meu passado judeu. Ele, ciente do seu passado índio, sem ter nenhum
vislumbre do que viria depois.

Eles não pertenciam ao meu mundo.
Os esqueletos e as montanhas de ossos sim.
Corpos e cinzas sim.
Escuridão na alma.
O relógio virou mil e uma noites.
Hoje, começou vertiginosamente a girar ao contrário.
Meus olhos de ontem, cruzando com o hoje maduro, olhando na mesma direção.
Do que somos capazes?

O despertar do apedeuta



(Inspirado na Alegoria da Caverna, de Platão)



Ilustração: Caó Cruz Alves

Basta! Cansei das trevas
a realidade traduzida pela ilusão
se equilibrava sobre frágeis pilares
quando eu jazia acorrentado na minha
própria ignorância

Suprimi o véu da insensatez
e num súbito impulso busquei o novo,
instante em que a retina, afeita à sombra,
foi ofuscada perante a luz da verdade
que do alto o farol da vida revelava

Lentamente um inaudito mundo
foi se materializando
diante do meu inseguro olhar:
quantos detalhes de uma só vez,
como é possível, meu Deus?!

Se me relatassem tais incógnitos,
eu condenaria, injustamente,
os mensageiros de tamanhos desatinos,
como outrora fizeram com o
“pensador que sabia que nada sabia”

O antídoto contra a falsa mensagem
e a ferida da memória
é o livro,
alicerce que sustenta o conhecimento,
e este liberta

Luz e sombra



Flora Troper

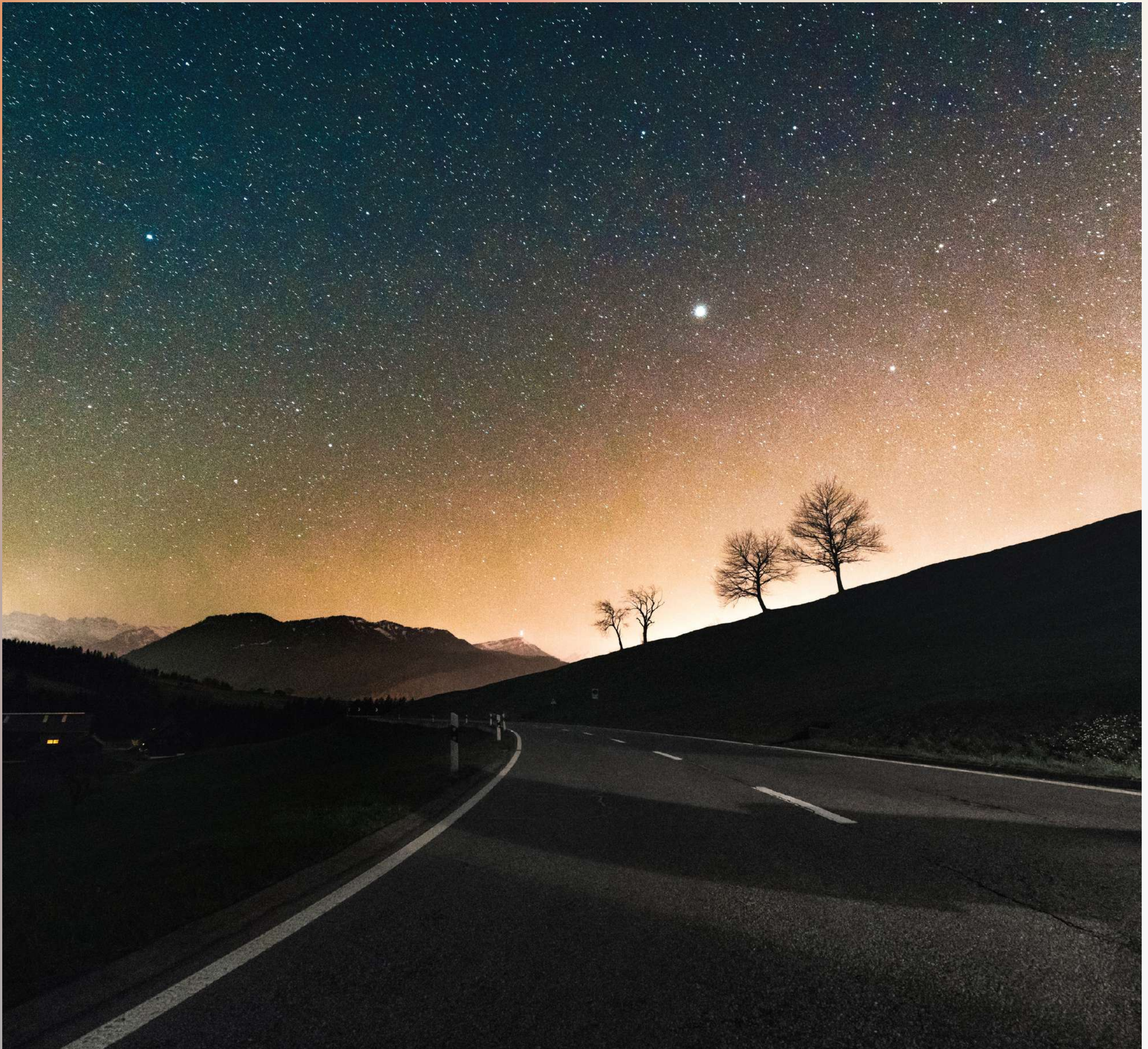


Imagem: Divulgação

Saí de casa para ir ao médico. Já no caminho, me dei conta que tinha esquecido o celular!

Não dava tempo para voltar para casa.

Fiquei desesperada! Quase passei mal! E agora?

Como ia sobreviver a isso? E se alguém precisar falar comigo? Precisar de algo?

E se eu precisar falar com alguém? Precisar de algo? O que fazer? Como vivemos tanto tempo sem celular? Como sobrevivemos?

Já no consultório, liguei para casa para avisar a "tragédia"! Saber se estava tudo bem.

Depois, aos poucos, fui relaxando. Tudo bem na consulta e, de repente, fui me dando conta da minha liberdade naquele momento! Não tinha que ligar para ninguém, ninguém podia me ligar!

Não dependia de ninguém, ninguém dependia de mim!
Qualquer coisa, eu teria que me virar sozinha!

E gostei!

Senti o sabor da liberdade!

Assim é a vida, assim são as coisas. São luz e sombra, como tudo na vida. A sombra vem da luz, sem luz não existe sombra! O que me ilumina, me irradia, me faz bem, mas também me dá sombra. Pensei assim quanto ao que me aconteceu. O celular me ilumina, me ensina, é luz. Mas também me prende, tira a liberdade, é sombra. Assim aprendi que muitas coisas na vida são luz e sombra, uma precisa da outra, até para saber o valor que tem! Nós somos as duas coisas, nós precisamos das duas coisas:

luz e sombra!

Pela sombra



Imagem: Divulgação

O sol estava inclemente, passava do meio de um dia quente de verão. Os dois seguiam cambaleantes, visivelmente sedentos e a julgar pelos corpos magros, também famintos. Pararam diante dos sacos de lixos que se acumulavam nas calçadas. De dentro de seu quintal, a mulher viu-os, e num movimento instintivo, correu para dentro de casa.

Começaram a fuçar os sacos. Um sentimento de impotência e tristeza se abateu sobre mim. Eram dois animais de grande porte. Por capricho, o humano faz destas coisas: mantém em cativeiro animais que nasceram para serem livres, ou pelo menos, viverem em espaços amplos. Nos subúrbios é comum vermos cavalos e éguas serem criados nos poucos terrenos baldios que cercam os centros urbanos, amarrados por cordas que lhes permitem no máximo girar em um raio de 10 metros debaixo do sol. Passam os dias, a vida por ali. São tocados quando a comida acaba até outro improvisado pasto, e à noite, seus humanos saem em passeios tocando-os com violência. Cavalos e carros, motos e éguas disputam espaço. Assim, quando estes conseguem fugir seguem sem rumo, em busca de alimento e água tentando ir o mais distante possível, mas são logo encontrados graças ao corpanzil natural, mesmo que franzino pela circunstância.

Pensei nos plásticos que acabam comendo e que os matarão aos poucos. Queria dar-lhes uma sombra, mas meu dia estava corrido e eu não poderia parar: “me atrasei porque parei para cuidar de uns cavalos na rua” uma fala que pareceria brincadeira na reunião de trabalho. Em menos de um quilômetro dali, participaria de uma reunião assíncrona, com pessoas de vários lugares do Brasil, para discutirmos questões ambientais, principalmente ações para o Dia mundial da água. A ironia da situação fez doer ainda mais a cena: os dois continuariam lá, catando “comida entre os detritos”, lembrei dos versos do duro poema do Bandeira. E se fossem humanos, também me comoveriam? Por quantos humanos em situação de rua tinha passado naquela manhã e não os tinha observado? Continuei em frente, rumo a reunião que a tecnologia iria ligar pessoas preocupadas com o futuro do planeta. A imagem do Brasil Barroco, de diferenças abissais e injustas, visitou meus pensamentos. Luz e sombra é metáfora para as oposições que perduram e que às vezes, na vida diária se unem: a sombra da ignorância é a mesma que produz o desejo literal dela.

O carro já dobrava a esquina, quando vi, pelo retrovisor, a mesma mulher voltando, trazendo nas mãos um pote de água, que imediatamente foi sorvido com ânsia pelos animais, com uma voracidade de quem quer viver, mesmo que seja aquela vida severina. O gesto dela me fez chorar. Bebi a esperança.

Fake



Imagem: Divulgação

Eu, estava me sentindo como uma socorrista dos terremotos na Síria e Turquia. Escavava na mídia alguma notícia alarmantemente boa. Assim como uma luz na escuridão.

“Menina de cinco anos foi resgatada após 112 horas dos escombros”.

É isso mesmo que leio junto à uma foto?

Que bom que não desisti de procurar. Dando uma gargalhada quero ler tudo.

O repórter responsável pela matéria fez a pergunta que era a de todos.

- “Como se alimentou e bebeu água durante todo esse tempo?”

A resposta veio simples e absurda para o tempo que estamos vivendo.

- “De vez em quando alguém vestido de branco vinha me dar água e me alimentar.”

Afoita, imediatamente mando para todos os grupos aos quais pertenço a notícia.

O retorno é muito rápido.

- Checou a fonte?”

- A menina não tem nome?

- Não encontraram nenhum repórter com esse nome.

- Parece que é uma notícia bem antiga.

- Não é menina. É menino.

- Não foi em terremoto.

- A criança foi resgatada mais morreu.

- Muitas crianças foram salvas mas não viram nenhuma pessoa vestida de branco.

- Não foram 112 horas e sim 178 horas.

A minha gargalhada vai emudecendo diante de tanta contradição.

O que eu faço agora?

Todos precisamos de alicerces sólidos de felicidade.

Eu só estava precisando de um.

Resolvo então eu ser uma notícia verdadeira.

Mulher de 55 anos é salva dos escombros da morte depois de muito tempo de escuridão.

Perguntada pelo repórter como sobreviveu, respondeu que foi pensando em coisas simples.

- Um amanhecer e um entardecer.

- Uma chuva molhando delicadamente o rosto.

- Uma comida deliciosa saboreada lentamente.

- Um beijo bem molhado de uma criança.

- Um abraço encontrando o coração do outro.

- Palavras verdadeiras.

- Sorrisos inteiros.

- Olhar confiante.

- Um amigo.

- Um amor.

- Um filho.

- Luz.

- A esperança.

- A companhia de alguém vestido de branco para me dar água e alimento.

Mandi para todos os meu grupos a notícia.

Ninguém contestou.

Melodrama



Imagem: Divulgação

Jonas entrou em cena pela terceira vez e não tinha se dado conta que o público ainda não se acostumara com seu trabalho. Ficou triste, vendo que tinha de desistir novamente. Começou a xingar desbragadamente a plateia, para a fúria do produtores que contavam os lucros da bilheteria.

Em meio ao, o refletor frontal desabou sobre a cabeça de Jonas que só acordou 40 dias após, numa cama de hospital. Saía de um coma induzido. Durante esse período ele fez as mais loucas viagens pelo inconsciente. Viu o céu e o inferno.

Ficou acordado o suficiente para ver o ventilador de teto girar, girar... até que, hipnotizado, morreu sozinho, sem plateia, sem família, sem amigos, sem nada.

Dor ou

Um conto de sombra e luz



Imagem: Divulgação

Cada pequeno objeto ao seu redor estava impregnado de emoções e de afeto. Isto ela sabia. No entanto, ela não conseguia sentir nada em relação a eles. Há muito tempo perdera a capacidade de sentir (anestesiada?), embora a falta de compreensão e mesmo o desprezo das pessoas ao seu redor lhe causassem, cada vez mais, uma dor insuportável. Perdera a capacidade de sentir prazer e tudo que conseguia sentir era dor? Via pontos de interrogação flutuando à sua volta quase que permanentemente. Por que? Uma explicação não tardaria a chegar...

“Sim! O nome disto é depressão”, falou o sisudo psiquiatra enquanto rabiscava uma receita com muitos nomes estranhos. Não! Remédios nunca! Resolveria seus problemas emocionais sozinha. “Será que conseguiria?”, esta questão balançava em sua mente o tempo todo como em um looping. Mais pontos de interrogação?

Depressão? Mas como? Não é possível. Todos os outros médicos haviam dito que ela sofria de outras coisas. Enxaqueca. Síndrome do Intestino Irritado. Anemia. “Você não tem nada. Está tudo na sua cabeça”, ela ouviu um dia em um consultório. O diagnóstico mais doloroso veio de sua mãe. “Isto é falta de vergonha na cara!”. Seu pai também não ficara muito longe. “Isso só pode ser coisa de mulher”, disparou sem cerimônia. Peremptoriamente.

Não conseguia definir o que era pior. A apatia mental ou a aceleração mental? Sentia-se como um elástico que esticava e encolhia sem parar. Como isso era exaustivo e estava acontecendo 24h por dia há mais de uma década! E o que dizer dos momentos em que ambos se manifestavam ao mesmo tempo? Esticar e encolher sem parar. Dilacerante... Não há palavras para descrever a agonia de ser puxada em sentido contrário por duas forças de igual magnitude. “Dilacerante”, a palavra sussurrava em seus ouvidos como vindo de uma voz do além.

Nos momentos de forte aceleração emocional, conversar com ela significava ver seus olhos, sobrancelhas, seus cabelos, pescoço, cabeça se movimentando freneticamente. Tudo se movia em um frenesi com múltiplos significados: um olhar expressava vírgulas; um esgar, uma exclamação; o frequente balançar horizontal da cabeça, a abundância de negações...

“Meu Deus!”. “Jesus!”. Uma mente eivada de interjeições. Doía-lhe, principalmente, o olhar de gente que olhava para ela como quem olha para uma atração exótica em um circo. A sensação de ser criticada e humilhada lhe era permanente.

Recusou-se a buscar ajuda. Sua mente era um imenso borrão preto. Por que continuar viva? Nada faz sentido. Não conseguia ver o túnel e muito menos a luz que a salvaria daquela dor interminável. Viu vários frascos em cima da mesa. Muitos frascos com muitos comprimidos e líquidos. Minutos depois, todos os líquidos e comprimidos haviam desaparecido. A busca pela luz havia, finalmente, acabado. Primeiro chegaram as sombras. Depois, as trevas...

P.S.: In Memoriam às milhares de pessoas que todos os dias em todos os cantos da Terra perdem suas vidas por causa da doença que mais incapacita seres humanos no planeta: a depressão.

Eu e você



Pintura: Mauro Tambeiro

Oscilamos nas nossas singularidades
Às vezes na seda de Renoir
Em outras, nas loucuras de Van Gogh
No cotidiano de virgem e na flutuação de peixes
Somos duas almas que duelam
Dois corpos que se atraem feito raios
Você brinca com suas telas e pinta sonhos
Eu arrebento minha realidade e faço meu mundo

Sem memórias



Imagem: Divulgação

A casa, uma caixa
de frisos finos, madeira no teto,
azul nas portas e janelas
piso frio, vermelho vivo
amores, aflições, surpresas
diversas percepções e estilos
na visão, inédita, de cada membro da família

Devorava-me, a inveja, na leitura de textos de memória
ausente eu de histórias, no tempo diluídas
como se da vida não construísse um script
resgatável dos espaços convividos:
a infância abstraída, sem ternuras
a juventude subtraída, sem orgasmos

E de repente a casa desmontada
atinge o coração profundamente
e a criança que dormia quieta
se remexe, esperneia, grita
e apesar do sol a penetrar-me em festa
as sombras do passado vêm à tona

Impressões tão graves
que as palavras se encolhem e calam
falas, facas, paredes nuas
e novamente fatos se escondem ameaçados
sob a ênfase das emoções, quase loucura

E da garganta não respiram brincadeiras
apegos, afagos
árvores devassadas por pés descalços
a conquista dos morros
e barrancos
campeonatos, carnavais possíveis
piqueniques nos jardins e matas:
sufocam mágoas do proibido

E o não ter sido e o querer tão forte
-- pisoteado sem desculpas --
da jovem porta trancada pra aventura
dos poucos vãos permissíveis às podadas asas
atravessados pelo medo
e pela culpa
a imaginação tapando buracos de estreitas ruas
de sonhos sem destino, de paixões que não se expunham.

O real no canto da sala, contraído
Eu, feto, aguardando o dia da fatura

E o roteiro se fechou em gestação
no limbo
Frustrou-se o lirismo expressionista

Meu corpo inteiro treme:
vida engaiolada, sem descrição
nem mesmo sucinta

Ainda não dessa vez
Dessa vez, ainda não...
Ainda...

Bertha Boutique



A mulher na frente do espelho descolore o cabelo.
Há um cheiro ácido e cortante no ar. Amônia.
A criança assiste sentada na borda da banheira.
Mais tarde a mulher sairá com os cabelos platinados, irá ao cinema assistir a um filme com uma atriz que a inspirou.
Um homem a acompanha.
A mulher é minha mãe.
O homem é meu pai.
Deixa um rastro de perfume, como se fosse a sua sombra, quando a porta da casa é fechada e eu fico sozinha com os meus medos e a minha babá Eunice.
Eunice chegou na minha casa quando eu tinha três meses. Ela gostava de me contar. Tem um filho que não vive nessa casa. Eunice paga a uma mulher para que fique com o seu filho. A ausência do filho também é uma sombra. Muitas vezes vamos vê-lo. Subimos por um caminho íngreme até chegar numa casa quase no alto de um morro. Fico cansada, mas feliz. Muitas crianças brincam juntas por ali. A senhora que toma conta do menino Mário tem duas filhas mais velhas do que eu.
Amo as meninas. Na hora da merenda tem bolo de fubá e o ar fica impregnado de um cheiro de alegria.
Eu sou a filha branca da Eunice, ela diz para todos.
Aprendo a fazer a minha cama. A lavar as minhas calcinhas. Ela diz que sua avó foi escrava e que ela era empregada, mas não era escrava.
Nessa noite, quando meus pais vão ao cinema, não posso dormir.
Preciso vigiar as horas da ausência, para que nada aconteça, para que a mãe volte com meu pai.
Me debruço na janela da saleta que dá para a rua quieta, fico aí durante horas, até que ouço os seus passos e meu coração se acalma.
Eunice fica ao meu lado. Espera comigo. Diz que não vão demorar e suspira.
Anos depois pensarei na saudade que sentia do seu filho ausente.
Agora, finalmente posso dormir. Eunice vai para o seu quartinho abafado nos fundos da casa.
Se tenho algum pesadelo, se acordo no meio da noite sobressaltada, atravesso o escuro e me deito com ela. Gosto do seu cheiro. A sua cama é estreita e dormimos aninhadas.
Minha mãe fabrica roupas para a loja onde trabalha com meu pai. É modista.
Há um cômodo na casa com duas máquinas de costura.
As costureiras chegam cedo e tomam café na cozinha. Brincam com a Eunice, contam as novidades.
Gosto de perambular entre elas, ouvir suas conversas.
Dirce é preta, é linda e me acaricia. Conta dos seus namorados e ri.
Dona Amélia tem a pele gasta, uma cor amarelada e enquanto bebe seu café me sorri entre um gole e outro.

Dirce não é casada e Dona Amélia é separada. Tem um filho adulto tuberculoso. Não moram juntos e às vezes vem visitá-la. Ele tem um copo que Eunice guarda longe dos outros e lhe oferece café com biscoito. Quando vem, Dona Amélia, ao ouvir a campainha e a sua voz, sai do quarto de costura ajeitando uns grampos no cabelo, feliz e vaidosa.

Todas as manhãs, quando vão para o quarto de costura, ligam o rádio.

Levo minhas bonecas para lá e elas me deixam ficar entre pilhas de tecido que faço de casinha. É maravilhoso estar ali.

De vez em quando minha babá Eunice vem ver se estou comportada. De vez em quando minha mãe sai da loja que fica ao lado da casa para ver se as costureiras precisam de alguma coisa.

Ela tem sempre muita pressa. Mal me vê num canto do quarto. As costureiras fazem roupas para as minhas bonecas com restos de tecido. Esse é um quarto cheio até a borda de tesouros. Das mãos de Dirce e D. Amélia saem vestidos como se fossem milagres.

Naquela casa o pai é quase invisível.

Todas as decisões são da mãe. As pequenas, as grandes.

O pai às vezes é alegre e traz sol para casa.

Mas nem sempre é assim.

Outras vezes tem um jeito estranho de ficar pensando, sem uma palavra sequer.

Pelo rádio das costureiras escuto coisas que não entendo, mas gosto de ouvir.
Ouço músicas.

Eunice faz todo o serviço da casa e me vigia com o rabo de olho. Cuida de mim. Que eu coma e esteja sempre arrumada. Me protege. Me penteia. Me abraça e me beija e me diz uma e outra vez que sou sua filha branca. Me deixa ficar na cozinha, tão mágica quanto o quarto de costura. Se lá as costureiras ouvem rádio, na cozinha Eunice canta.

Quando vou para a primeira escola, é ela quem me leva.

Não gosto da escola. Vomito.

Gosto de ficar doente, assim a minha mãe se lembra de mim e volta da loja várias vezes para ver se melhorei.

Um dia minha mãe abre uma loja só dela. Faz desfiles. Tem muitas clientes.

Faz vestidos de festa para bailes de debutantes, vestidos de noiva. O quarto de costura ficou pequeno. Dirce e D. Amélia agora só fazem consertos.

A vida da mãe gira em torno da sua própria vida, sua loja, as roupas.

Ela viaja para fazer compras.

Não tem tempo. Leva o almoço para a sua loja. Quando fica em casa para a comida por algum motivo, come em pé para ir embora mais rápido.

Ela traz revistas de moda francesas para casa, que folheia antes de dormir.

Eu começo a ganhar livros.

Ela tem sede de liberdade, de viagens, de voo.

Não sabe cozinhar.

A casa, comigo dentro, é um lugar de passagem.

Agora sou eu quem me olho no espelho. Não há uma criança sentada na borda da banheira.

Meus filhos cresceram.

Eles couberam em mim.

Me agasalharam.

Ela, a minha mãe, como quem corta um tecido ou as cordas grossas de um barco, precisou cortar muitas vezes o que era esperado de uma mulher. Deve ter sido difícil, porque era a primeira vez para muitas mulheres do seu tempo. Talvez tivesse mesmo que cortar com os dentes. Suas últimas palavras antes de morrer, ao se despedir de mim, foram de modista, foram de amor:

- Minha filha, você está tão bonita.

Ficha Técnica

LUZ E SOMBRA

Antologia de poemas, contos e crônicas

Vol. IV

Clube de Leitura da Casa Amarela

APRESENTAÇÃO

Roseana Murray

IMAGENS

CAPA - Mauro Tambeiro

Créditos de imagens:

**Evelyn Kligerman, Victor Lefelman, Belle Loivos,
Andressa Barroso, Caó Cruz Alves, Angela Quintieri,
Julia Quintieri, Mauro Tambeiro, Sites Especializados**

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha

ISBN nº 978-65-85568-00-5

CLIQUE AQUI

Residência no ar edições digitais - 2023